

RELIGIÕES AFRO-DERIVADAS EM REDE: Mídia alternativa para minorias étnico-raciais, religiosas e nacionais nos EUA

Ricardo Oliveira de Freitas¹

Introdução

Os dados aqui dispostos dizem respeito aos resultados da tese de doutorado por mim defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ, no ano de 2002, que reunia dados da pesquisa elaborada entre março de 1998 a novembro de 2001. Ao considerar as transformações ocorridas no âmbito das inovações tecnológicas em interfaces de sistemas computacionais e ao reconhecer a proliferação de *sites* (sobretudo, brasileiros) que versam sobre religiões de matriz africana na Internet, compreendo ser de grande valia a elaboração de uma revisão de tais dados frente aos dias atuais a fim de provocar um confronto de dados anteriormente obtidos junto às demandas do tempo contemporâneo. Por isso, relaciono as preocupações por mim anteriormente empreendidas às investigações que hoje venho desenvolvendo, acerca da comunicação comunitária e alternativa, com financiamento do CNPq e da FAPESB. Nesse sentido, o presente artigo caracteriza-se como contribuição para os atuais estudos sobre utilização da Internet como ferramenta para encurtamento do tempo e espaço e para a promoção de comunidades formadas por integrantes geograficamente distanciados.

Analiso as transformações ocorridas com a criação de comunidades virtuais na Internet por migrantes brasileiros nos EUA – quer seja para a construção de uma rede de fortalecimento político, mais objetivamente relacionada aos movimentos sociais, aos direitos civis e às questões de cidadania; quer seja para a construção de uma rede mais objetivamente relacionada ao fomento de expressões culturais e preservação do patrimônio simbólico e material afro-brasileiro, quase sempre em associação direta com outras formas de afro-descendência em diáspora.

Ao investigar a utilização da Internet como meio de comunicação e intercâmbio por comunidades de praticantes das religiões afro-brasileiras e afro-derivadas nos EUA, objetivo perceber as dinâmicas do processo de globalização como um dialogismo complexo entre o local e o global que não pode ser resumido à simples troca de informações.

Atenho-me, pois, sobre o modo com que se constrói uma nova forma de midiativismo através da criação de comunidades virtuais sobre religiões afro-brasileiras e afro-derivadas moderadas nos e dos EUA, momento em que se privilegia o debate sobre a democratização *versus* a elitização da informação, proporcionado pelo acesso ou não-acesso às tecnologias de informação e comunicação como elemento de visibilidade tanto fora como dentro do universo das mídias digitais e, desse modo, instrumento de promoção para inserção no espaço público político.

Os terreiros virtuais como mídias ativas

Se o início do século XXI significou o acirramento do debate sobre a inclusão digital no Brasil, por conta, sobretudo, da divulgação da pesquisa realizada pela FGV e

¹ Doutor em Comunicação e Cultura – UFRJ. Docente do Curso de Comunicação Social (RTV) e do Mestrado em Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Email: ricofrei@pq.cnpq.br

pelo CDI², para os brasileiros residentes nos Estados Unidos³ esse mesmo período, se não representou um marco no debate sobre a exclusão digital, representou a consolidação das listas e grupos de discussão⁴ na Internet sobre religiões afro-brasileiras.

Tal evento não provocaria surpresa, não fosse o fato de que essas eram religiões centradas na tradição oral e, por isso, sem a presença de um livro revelação. Mesmo que a aparição das listas não tenha sido um fenômeno exclusivo dos EUA, as listas norte-americanas possuíam a peculiaridade de tentar anular o distanciamento geográfico e “espiritual” em relação ao Brasil, lócus de criação dos terreiros.

Moderadas por brasileiros migrantes absolutamente distanciados da realidade socioeconômica brasileira, as listas de discussão sofreriam impactantes transformações a partir do acesso cada vez mais regular à Internet de adeptos (das religiões afro-brasileiras) residentes no Brasil, por conta de uma dita democratização de acesso à rede mundial de computadores, proporcionada pelo fenômeno de popularização da Internet no Brasil. Por democratização, pode-se entender o conjunto de fenômenos que, no Brasil, provocariam facilitação no acesso à rede mundial de computadores: aumento de número de provedores de acesso ISP e concorrência de mercado com diminuição de mensalidades; venda de computadores populares proporcionada pela implantação de políticas para aumento do uso do computador pessoal; abertura indiscriminada de pontos para acesso à Internet, mesmo comerciais, com a proliferação de *lan houses* em regiões ocupadas por populações e comunidades desprivilegiadas etc. Entretanto, há que se considerar que os custos com aquisição e manutenção, a deficiente cobertura dos serviços de acesso; os planos de mensalidade dos serviços de acesso à rede IP, que não sofreram redução, faz com que o acesso à Internet seja, ainda, um privilégio para poucos.

Num primeiro momento, o contato entre migrantes brasileiros radicados nos EUA e adeptos radicados no Brasil dependia, quase exclusivamente, da possibilidade de acesso à Internet por brasileiros em local de trabalho. Nesse sentido, as listas de discussão em forma de grupos, caracterizadas como comunidades virtuais, serviram à comunidade de adeptos das religiões afro-brasileiras com maior eficácia que os *chats*, aplicação que demandava conversação em tempo real (IRC ou mensageiros instantâneos). As listas, pelo contrário, possibilitavam participação sem a necessidade de resposta imediata.

A participação dos usuários residentes no Brasil verificava-se, sobremaneira, no período do horário comercial. Esse era um fator importante para o bom desempenho das listas. Por outro lado, a participação dos usuários residentes nos EUA acontecia, sobretudo, na madrugada, já no “conforto do lar”. Por conta da diferença entre fusos horários, os encaminhamentos das mensagens, por fim, coincidiam, o que dava expressivo dinamismo às listas, no que se refere à troca de mensagens e interação participativa entre usuários residentes no Brasil e usuários residentes no EUA.

² Mapa da Exclusão Digital. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas e Comitê de Democratização da Informática. Abr. 2003.

³ A partir desse ponto, utilizarei a sigla EUA para designar Estados Unidos da América.

⁴ Os termos lista[s], fórum[ns] e grupo[s] de discussão na Internet, assim como, os termos comunidade[s] e grupo[s] virtual[is], comparecem de forma indistinta no presente trabalho. Apesar de reconhecer a especificidade de cada um dos termos referidos, pelo fato de também reconhecer que têm como motivação comum a aglutinação de pessoas geográfica e fisicamente distanciadas, com interesses excepcionalmente comuns e que podem ser compartilhados através de mensagens via email (correio eletrônico), abro mão das particularidades de cada um dos termos para tratá-los como fenômenos similares que são. Ressalvo, ainda, que nos dois primeiros anos da pesquisa (de 1998 a 2000) o *eGroups* era o maior gerenciador de listas de discussão na Internet. Logo depois, surgiram novos gerenciadores (o Grupos.com.br entre estes). Por fim, após a compra pelo Yahoo, o *eGroups* passou a fazer parte do Yahoogrupos.com.br.

Considerando a expressiva parcela de adeptos desempregados ou alocados no mercado de trabalho informal, o acesso de brasileiros estabelecidos no Brasil era realizado na sua totalidade por usuários (adeptos) de classes privilegiadas (econômica, social e culturalmente), que, além de não encontrarem dificuldades nas possibilidades de acesso, tinham domínio de bibliografia especializada (antropologia das religiões afro-brasileiras) e de língua estrangeira (mais especificamente, inglês); fatores fundamentais para um bom desempenho em termos de participação nas listas de discussão.

Mesmo que a exclusão digital não fosse realidade experimentada pela comunidade de imigrantes brasileiros nos EUA, fora do ambiente virtual boa parte dos usuários das listas ainda se deparava com traços legitimadores de ações discriminatórias e excludentes devido às condições de cor, raça e etnia, nacionalismos, gênero, sexualidade e, sobretudo, religião; o que caracterizava o conjunto de usuários das listas como um grupo ideologicamente minoritário, juridicamente vulnerável (além disso, muitos eram imigrantes ilegais) e, por fim, um grupo de excluídos (se não da esfera digital, ao menos do processo civilizatório e do reconhecimento para cidadania frente à realidade norte-americana).

Tal fato permite-nos categorizar a utilização das listas de discussão sobre religiões de matriz africana na Internet por adeptos dessas religiões, seja no Brasil ou fora deste (*outside Brazil*), como uma espécie de midiativismo, já que, ao fazerem uso de recursos de mídia (nesse caso, o computador com acesso à Internet), promovem um tipo de ativismo social, mesmo quando acobertado pelos conteúdos de mensagens de cunho religioso. Boa ilustração encontra-se no fato de que as comunidades virtuais também servem como espaço para que muitos imigrantes (alguns ilegais e, a quase totalidade, instituída de traços de minoridade) compartilhem iniciativas de apoio jurídico acerca de questões referentes a ações discriminatórias sofridas, além de procura e oferta de empregos, considerações críticas sobre viagem (imigração legal e ilegal), obtenção e envio de material de culto etc. Por isso, mesmo que se reconheça o caráter religioso da motivação do encontro em rede, as comunidades virtuais caracterizaram-se, antes de tudo, como uma espécie de mídia alternativa às formas de exclusão como tidas e vistas ainda no Brasil.

Por mídia radical alternativa, John Downing (2002) traduz a utilização dos recursos e veículos de mídia como agentes de velhos e novos movimentos sociais, articulando e mediando formas de ações políticas. Para o autor, as “mídias radicais alternativas” são tipos de contra-informação hegemônica, que entrelaçam cultura de massa comercializada, cultura popular, culturas locais e regionais e culturas de oposição ilustradas pelo grafitismo, internet, *hip-hop*, TVs e rádios comunitárias, teatro de rua e popular, vestuário etc. Por isso, quer seja no caso brasileiro, quer seja no caso norte-americano, o acesso a computadores e à Internet serviu como eficaz instrumento para inserção de grupos e populações destituídas de poder, privilégio e prestígio junto a esfera de visibilidade pública, mesmo em sociedades onde a inclusão digital é realidade (esse, o caso dos EUA), configurando-se como um modo contra-hegemônico de elaboração de rede social, tanto na “nova terra” como na terra natal.

As listas e grupos de discussão na Internet sobre religiões afro-brasileiras moderados dos EUA acabaram reunindo expressivo número de migrantes de outras nacionalidades, adeptos e simpatizantes de outras tradições religiosas de matriz africana e, não por acaso, não menos excluídos. Cubanos, haitianos, nigerianos, porto-riquenhos, trinitários, tobaguianos etc. Contavam, ainda, com expressivo número de afro-americanos que engrossariam o número de usuários das listas. Desse modo, o que antes parecia transformar-se em um espaço para discussão acerca de tradições religiosas afro-brasileiras acabou transformando-se em espaço [afro] ecumênico, em um espaço de

discussão acerca de tradições religiosas afro-derivadas as mais diversas, ou ainda, em espaço de tradições afro-derivadas, fossem estas religiosas ou não.

Tal constatação destitui a crença de que as novas tecnologias de comunicação parecem provocar formas de sociabilidade solo, cada vez mais individualizadas, solitárias e isoladas. Pelo contrário. No que se consolida como espaço comunicacional para cidadania, espaço plurivocal, contribui para a aparição de formas de sociabilidade cada vez mais comunitárias, grupais, mesmo que as interações não se realizem em relações face a face, aos moldes das exposições públicas de cinemas de rua ou de TVs comunitárias. O afro-ecumenismo em rede é prova maior disto.

Da oralidade ao hipertexto

Toda sorte de religiões de matriz africana espalhadas pelo Novo Mundo baseia-se na tradição oral. Com isso, as religiões afro-derivadas, quaisquer que sejam, desconhecem a existência de um livro revelação, de textos litúrgicos ou sagrados que determinem ortodoxias. As listas e grupos de discussão na Internet transformaram religiões sem texto em religiões de hipertexto. O [hiper] texto funciona, pois, como elemento aglutinador de experiências empíricas outrora vivenciadas nas terras natais, originárias. Transforma-se em registro datável, arquivável e, por isso, um documento histórico para religiões praticadas na diáspora por populações, na sua maior parte, pouco familiarizadas com a utilização do texto – por conta, sobretudo, do analfabetismo (seja funcional ou digital) perpetuado pelas situações de desigualdade e exclusão desde os tempos coloniais. Nos EUA, além do domínio das tecnologias de informação e comunicação, os usuários das listas devem dominar a leitura e escrita de texto, tanto nas línguas maternas como “nova” língua (já que a maioria das listas somente recebe postagens em inglês). Desse modo, as listas de discussão na Internet inserem as religiões afro-derivadas e seus usuários não somente no rol da tecnologização do mundo, mas, sobretudo, no rol dos grupos e comunidades que fazem utilização de recursos de mídia a fim de obterem inserção na esfera de visibilidade pública e, por extensão, na esfera pública política.

Porém, mesmo que traços de midiativismo possam ser reconhecidos, algumas características das listas as fazem distanciarem-se de um modelo midiativista. Primeiro, pelo fato de que são moderadas; o que significa que a aprovação de novo membro está condicionada a normas determinadas por um moderador. Além disso, verifica-se recorrente interdição de filiação a não-iniciados nessas religiões; o que pode demonstrar que, ali, o interesse não é exhibir-se para fora. Os temas, ao dizerem respeito a questões de cunho do sigilo religioso, parecem debruçar-se sobre um universo de interesse muito mais micro, particular, que propriamente macro, universal. Tal fato nos faz crer que os usuários das listas não fazem utilização da Internet para a elaboração de ações cívicas, macropolíticas, mas para a elaboração de iniciativas quase particulares. Além disso, se considerarmos o acesso a computadores e à Internet como um modo hegemônico de se relacionar com as ferramentas de comunicação e informação, os traços de contra-hegemonia ali presentes perdem sua intensidade.

Tais constatações não são determinativas, mas provocativas. O paradoxo reside no fato de que ações que se realizam em âmbito quase privado (mesmo que em rede) não são menos interessadas na visibilidade de âmbito público. Afinal, micropolíticas são estruturadas com base na democratização da informação e acessibilidade a uma rede infinita de usuários. Além disso, ao reconhecer que a contra-hegemonia habita a hegemonia, que esta última é ordem edificante daquela primeira, a utilização de recursos de mídia experimentados por grupos privilegiados não deixa de ser contra-hegemônica, no momento em que favorece questões referentes ao universo de migrantes vistos como participantes de uma cultura periférica. Ademais, além da

pertença religiosa e do fato de serem imigrantes nos EUA, os usuários das listas compartilham a experiência de serem sujeitos não-brancos numa nação que valoriza a cultura *WASP*⁵ em detrimento de culturas alheias. Por isso, brasileiros, cubanos, dominicanos, haitianos, trinitários, tobaguianos e tantos outros imigrantes afro-descendentes, ao reconhecerem-se constituintes de uma diáspora africana no Novo Mundo, formam, pois, a partir do movimento de migração para os EUA, uma meta-diáspora africana no Novo Mundo, ou, mais especificamente, uma diáspora da diáspora. Por fim, ao romperem com o lugar a eles reservado em seus países de origem, os imigrantes afro-descendentes nos EUA deixam de ocupar a periferia da periferia para ocuparem, finalmente, a periferia do centro. Mas, para alimentar ainda mais a provocação, vale lembrar que, se consideramos que apenas os que têm acesso à Internet podem integrar os terreiros virtuais e interagir com a *web*-diáspora, tais religiões e comunidades virtuais, antes tidas como religiões e comunidades de inclusão, para todos, para o mundo, transformam-se, pois, em religiões e comunidades de exclusão. Contribui, ainda, para corroborar tal dado, certa “intelectualização” e elitização do debate travado no espaço virtual, que não permite participação independente do grau obtido na hierarquia do culto – em algumas listas não-iniciados não podem ter participação efetiva nas discussões virtuais. Há ainda a elitização proporcionada pelo acesso ao texto e domínio de línguas estrangeiras, que com o advento da Internet somente foi fortalecida. Considerando os altos custos para manutenção da conta telefônica, os valores dos equipamentos, as mensalidades de provedores e a necessidade de domínio de língua estrangeira, os que compõem as listas de discussão no Brasil (e mesmo no exterior) diferenciam-se, assim, dos usuários dos terreiros reais, pelo fato de formarem uma rede “segura” de sociabilidade, concretizada por afinidades tanto econômicas como intelectuais (ou informacionais).

A ciberinformatização do candomblé

As listas são mais como uma discussão informal, horas de perguntas e respostas, tipo que surgem após conferências sobre religiões de Orixá. Nestes congressos, conferências, listas etc., o que acontece é uma ‘rede’ (*network*) de contatos que muitas vezes leva a um ritual real da religião. [...] Candomblé, terreiro, é a vivência, são rezas, é possessão, é sentir axé no corpo, são as festas, os sons, o cozinhar, o povo, as fofocas, é religião... Religião é vivência real... Num é teclar... (Obalaná, *sic*)⁶

Os fóruns, listas, *sites* e *chats* sobre religiões afro-brasileiras (umbanda e candomblé, sobretudo) assumem diversas funções. No exterior, servem como local de encontro para os brasileiros “mais isolados”, residentes em cidades distantes dos locais dos terreiros. Lá, também servem como recurso para proporcionar o encontro entre estrangeiros saudosos do Brasil e brasileiros. No Brasil, se caracterizará como espaço para o debate sobre conhecimentos litúrgicos, interdito na realidade objetiva dos terreiros. Por isso, a ausência de comunidades reais (de terreiros) não pode ser tomada como a única motivação para a criação de comunidades virtuais (terreiros *on line*), já que o interesse dos brasileiros pelo mundo virtual relaciona-se mais à democratização da informação sobre os segredos do culto, além do interesse por recursos e inovações tecnológicas, que, propriamente, à necessidade de frequência em ambientação religiosa. Nos dias marcados para o encontro de usuários nos fóruns de discussão em homenagem a alguma divindade (orixá), poucos foram os usuários brasileiros que acessaram os grupos de discussão. No período da pesquisa, duas foram as grandes festas realizadas

⁵ White, Anglo-Saxon and Protestant.

⁶ Entrevista realizada com moderadora de lista de discussão na Internet.

pelo fórum com maior número de visitas e participações: a festa de Xangô⁷, intitulada Fogueira de Xangô, e a festa para Omolu⁸, intitulada Olubajé. A idéia era que os participantes contribuíssem com arquivos de imagem (fotos e vídeos) e áudio (cantigas). Além disso, um sem número de *gifs* (animações) foi postado. Divulgaram, ainda, vários links sobre as divindades homenageadas. Muitos usuários falavam de experiências vivenciadas nos terreiros reais brasileiros à época das festividades em homenagem às divindades festejadas na lista. Ainda assim, a participação foi pequena, frente ao número de participantes daquela comunidade virtual.

O terreiro é uma construção brasileira, encontrada como solução para a manutenção do culto, ainda à época do Brasil escravagista. Os primeiros terreiros de que se têm notícia datam do século XIX. Pelo fato de terem substituído as famílias reais pela família-de-santo, assim como por conta da sua forma de organização litúrgica e espacial, no Brasil, os terreiros são denominados comunidades, comunidades-terreiro, *ilê egbé*. Por isso, as comunidades virtuais, além de contribuírem para o encurtamento da distância (e diminuição da saudade), proporcionam a proximidade do espaço religioso, mesmo virtual, para usuários “mais isolados” do espaço real dos terreiros (sobretudo, os que estão no exterior). As comunidades virtuais assumem o papel contemporâneo destinado, no passado, ao espaço reservado à produção acadêmica (antropologia das religiões afro-brasileiras, sobretudo), ainda hoje, bastante recorrente entre os adeptos das religiões de matriz africana. Se a bibliografia especializada e os recursos audiovisuais permitiam a troca de informações reduzida à clássica lógica unilateral emissor-mensagem-receptor, os fóruns de discussão permitirão a emergência do debate eficazmente mais participativo, que dará lugar à conferência *on line*, lugar de vários estilos de vida, visões de mundo, formas religiosas, culturas. Por isso, um espaço plurivocal, de circularidade.

As discussões versam sobre os mais variados assuntos, relacionados à vida religiosa ou não. A dinâmica dos fóruns está dividida em: tarefas, mensagens e discussões. Tarefas são assuntos a serem pesquisados pelo período de um mês, divididos entre todos os usuários do fórum. No fórum D, a tarefa mais recente foi sobre a caracterização do orixá Ogum nas nações Angola, Jeje e Ketu. Discussões são mensagens postadas sobre um determinado assunto que se reproduzem em *reply* por tempo indeterminado, mas que não dura mais que um mês. No fórum A, foram debatidas as caracterizações do orixá Aganju no candomblé brasileiro, no culto nigeriano e no lukumi, tanto norte-americano como cubano. Mensagens dizem respeito a assuntos mais gerais: aniversários, cartões, temas acerca de espiritualidade, uso de *softwares*, comentários e convites para festas de candomblé etc.

Outro fato que merece atenção é o teor dos debates travados nas listas de discussão. Esse fato é evidenciado na discussão sobre temas de ordem mais sigilosa, que se referem aos segredos, interditos, às ortodoxias do culto, aos *orôs*. A recorrência à bibliografia (importante instrumentalização para o engrosso de fiéis) e à material audiovisual continua sendo constantemente utilizada e atualizada. Muitas são as discussões e mensagens que fazem alusão a determinado livro, filme ou vídeo.

Além dos iniciados, encontramos nas listas de discussão um sem número de interessados e simpatizantes nas religiões afro-brasileiras que utilizam esse espaço para escolha da casa a ser iniciado, para esclarecimento de dúvidas sobre regras de comportamento (que serão intituladas *netiquetas* ou *redetiquetas* do santo)⁹ e, mesmo,

⁷ Divindade africana.

⁸ Idem.

⁹ O termo “do santo” ou “de santo” é comumente utilizado entre adeptos das religiões de matriz africana. Não à toa, estes têm sido comumente categorizados como “povo-de-santo” pela antropologia das religiões afro-brasileiras.

alguns “fundamentos” (liturgias e ortodoxias de culto). O fórum E é destinado a essa clientela.

Nas listas há, ainda, certa normalização e controle de normas e regras de comportamento, sobretudo as que dizem respeito às hierarquias religiosas (falar ou não tão assunto, *orô* e *ewô*¹⁰). A divisão entre fórum para não iniciados e fórum para iniciados é bom exemplo. Tendo o segredo como determinante, alguns moderadores de listas chegam mesmo a criar e a administrar duas listas ao mesmo tempo a fim de contemplar as duas categorias de usuários. Contudo, a tendência que a cultura cibernética tem em possibilitar que seus atores assumam diversos papéis vai, paradoxalmente, desconstituindo esses limites entre público e privado, sigiloso e democratizado, segredo, tabu e domínio público, hierarquia e igualdade, *on line* e *off line*. Afinal, tais papéis possuem, de antemão, dois tipos de identificação: pertencimento religioso e contato virtual.

A rede adquire, também, a característica de facilitadora do encontro extra-limite dos terreiros (do encontro *on line*, *off* terreiro, mesmo que virtual) que num passado ainda mais remoto foi destinado às irmandades e confrarias negro-brasileiras. É interessante perceber como o espaço virtual vai criando novas redes de sociabilidade entre os adeptos do candomblé e das religiões afro-derivadas, tanto no Brasil quanto no exterior, unindo visões de mundo, estilos de vida, culturas tão distintas e distantes ao criarem uma rede cibernética para um povo-de-santo cibernauta.

Há uma frequência de convites para festas de orixás, seja no Brasil ou nos Estados Unidos, momento em que todos os membros dos fóruns são convidados a participar e, dessa forma, têm a oportunidade de se conhecerem fora do ambiente virtual. Também estava programado para determinado mês um encontro *off line* (face a face) entre usuários de dois fóruns num subúrbio do Rio de Janeiro. Os estrangeiros, é claro, planejavam um encontro *off line* (face a face) internacional – ainda não haviam decidido em qual país nem em qual cidade.

Muitos estrangeiros têm contato com a religião dos orixás através da frequência em cursos de dança afro e capoeira; ou mesmo através da exibição de filmes e vídeos. Para estes, a despesa com os custos da viagem e do material necessário para os ritos de iniciação não se apresenta como problema para a vinda ao Brasil. Fato que bem ilustra o perfil socioeconômico dos que vão construindo essa rede de ciberinformatização do candomblé, tanto fora como dentro do Brasil. Afinal, como já dito, somente os que têm acesso às novas tecnologias de comunicação e, por conseguinte, à rede mundial de computadores, podem participar de tais comunidades. Nesse sentido, os usuários das listas de discussão na Internet, integrantes das comunidades virtuais, normalmente diferenciam-se dos demais adeptos ou simpatizantes das religiões de matriz africana pelo acesso/não acesso à informatização, percebendo-se parte de uma elite e de uma categoria privilegiada. Constitui-se, assim, um diferenciador entre adeptos e simpatizantes, conectados e desconectados, que não necessariamente está dissociado das relações de raça e classe com que se constituem as relações sociais no Brasil. Por isso, a ciberinformatização das religiões afro-brasileiras está estritamente relacionada à formação intelectual e à ocupação profissional dos adeptos (já que muitos tiveram contato com inovações tecnológicas no ambiente do trabalho), como também, às desigualdades de cor e classe que alimentam, sobremaneira, realidades socioculturais e político-econômicas e, por isso, fundamentais para alimentar os fluxos migratórios. Vale também ressaltar que para os que estão no exterior, sobretudo nos Estados Unidos, a instrumentalização cibernética e, por conseguinte, a utilização da rede, torna-se quase que um instrumento obrigatório de socialização. Outro fato, é que lá, os custos com contas telefônicas e provedores são infinitamente menores que no Brasil, além do

¹⁰ Rituais secretos e interditos, respectivamente.

fato de que em qualquer escritório pode-se encontrar equipamento disponível para consulta.

Obaloná é um bom exemplo. Iniciada no Brasil em 1981, muda-se, na mesma década, para os Estados Unidos a fim de conseguir melhores oportunidades de emprego e salário. Obaloná, após alguns anos de moradia no exterior, busca seu babalorixá¹¹ para que ele complemente suas obrigações¹². Após o retorno do babalorixá, Obaloná passa a atender amigos brasileiros e estrangeiros residentes em cidades próximas. Ao menos uma vez por mês, esses amigos passarão a reunir-se na casa de Obaloná para a realização de pequenos rituais. Os amigos serão recrutados entre seu círculo de amizade (real) e informacional, dos fóruns (virtual).

Quando morava em *San Jose* ajudava Mãe Obaloná, participava dos boris, festas, encontros, etc. Ela mudou-se e nós também mudamos para o sul da Califórnia. Sinto falta das festas nos terreiros, mas o dia-a-dia do terreiro, os papos, a cozinha, é o que sinto mais falta. (Nananci, *sic*)¹³

A Internet, nesse sentido, supriu parte dessa falta. Nananci é usuária do fórum moderado por Obaloná. Desse fórum, fazem parte muitos brasileiros residentes nos Estados Unidos e alguns estrangeiros iniciados¹⁴ em outras formas de cultos afro-derivados, que geralmente levantam questões referentes à comparação entre o candomblé e essas outras religiões. Alguns dos filhos e clientes de Obaloná também são recrutados no mesmo fórum. Obaloná não tem casa aberta. Faz o que pode dentro de sua casa de moradia: joga búzios e faz pequenas obrigações rituais. Só “não inicia” (*sic*) adeptos. Contudo, sua casa tem quartinha¹⁵ sobre a porta, *mariwô*¹⁶, um calendário permanente de festas etc. Já fez um xirê¹⁷ e um presente para Iemanjá - nos quais um brasileiro, ogã de um tradicional terreiro no Brasil e percussionista do *Oba-Oba*¹⁸, que por conta dos shows acabou fixando-se nos Estados Unidos, foi quem tocou. Obaloná passa boa parte do seu tempo nos Estados Unidos na Internet: pesquisando coisas da religião e administrando e moderando a lista. Ela também joga búzios¹⁹, o que lhe demanda algumas viagens pelo território norte-americano. É muito requisitada para consultas com búzios, por conta do reconhecimento adquirido junto à comunidade de brasileiros migrantes e, sobretudo, ao fórum.

Nos fóruns D e E foi levantado o questionamento sobre o teor do debate do que deveria ser discutido. A mensagem da moderadora e administradora comum aos dois fóruns dizia que essa preocupação tornava-se infundada, no momento em que a Internet, interligando pessoas de diversas nações e terreiros, abria espaço para que num futuro não houvesse tantas controvérsias sobre as coisas do santo. É um espaço de aprendizado em conjunto, disse ela. Lembrou, ainda, que na rede cibernética ninguém fala sobre fundamentos²⁰. Somente rotinas, coisas do dia-a-dia dos terreiros, coisas da

¹¹ Sacerdote.

¹² Rituais religiosos.

¹³ Entrevista realizada com usuário de uma lista de discussão na Internet.

¹⁴ A iniciação conhecida como “feitura de santo” é um ritual bastante complexo, além de demandar a necessidade de anos de interditos e meses de permanência no terreiro.

¹⁵ Jarro com água. Insígnia de um terreiro.

¹⁶ Folha de dendezeiro. É colocada sobre a porta para impedir a entrada de espíritos de mortos. É também uma das insígnias de um terreiro de candomblé.

¹⁷ Festa com toques de atabaques.

¹⁸ Casa de espetáculos, de propriedade do radialista Oswaldo Sargentelli, bastante popular nas décadas de 1970 e 1980.

¹⁹ Oráculo. Jogo de adivinhação.

²⁰ Termo nativo para designar a parte secreta, o cunho sigiloso de um ritual religioso qualquer. Designa, também, o ritual secreto em si.

vida religiosa, hábitos comuns e incomuns praticados sem que se saiba por que são feitos ou devem ser feitos. Ali se obtém respostas, ao passo que nos terreiros essas respostas nem sempre são alcançadas, com bem ressaltou.

Parece claro que o encurtamento do tempo para aprendizado é a motivação maior para a participação nos fóruns. Nos terreiros, o aprendizado parece estar estritamente relacionado à vivência, à experiência dentro da casa-de-santo²¹, adquirida, no mais das vezes, em longos e árduos anos de participação. No ciberespaço, o lugar de aprendizado imediato resume esse tempo e espaço (sem o deslocamento, às vezes tão extenso, entre a residência e o terreiro).

Contudo, a moderadora é também uma ialorixá²², que parece substituir a ialorixá real dos usuários por uma ialorixá virtual.

Tão fato demascara o antagonismo maniqueísta construído entre *real life*, traduzida por realidade como verdade, e *virtual reality*, traduzida por virtualidade ou não-verdade. Afinal, se o tempo e espaço são radicalmente abolidos na questão do aprendizado, o espaço-terreiro (RF, *real life*), ao contrário, parece não ter sido abolido pelo ciberespaço (VR, *virtual reality*). Os convites às festas reais ainda são mensagens comuns nas listas e provas maiores disso.

A diáspora da diáspora plugada

Mesmo que aspectos relacionados às questões raciais não sejam a tônica das listas, pelo fato de que ali são discutidas questões acerca de religiões de matriz africana praticadas no Brasil e no mundo, estas constantemente acolhem discussões acerca de um dito “resgate” de negritude ou africanidade através da inserção religiosa, o que cria uma rede de solidariedade e [comum] unidade entre adeptos e simpatizantes dispersos pelo Novo Mundo e pela “nova terra”.

Dessa forma, avalio a contribuição da Internet para a criação de uma nova rede de sociabilidade que se constrói através da substituição do terreiro real pelo terreiro virtual, da reformulação de religiões centradas na tradição oral, que se [re] configuram no espaço virtual, espaço da imagem-texto, espaço do hipertexto. O que aponta uma nova realidade: a democratização do saber (mesmo do saber secreto, litúrgico) e a abertura para uma nova configuração do campo religioso afro-derivado diaspórico. Ou seja, a transformação de religiões antes tidas como religiões de negros, pobres, excluídos, desprivilegiados e minorias em religiões para todos, religiões para o mundo e, por isso, em religiões de inclusão.

Merece, ainda, atenção o caso do resgate da negritude ou da africanidade proporcionada pela conexão via *web* entre brasileiros e estrangeiros (negros e mestiços, na sua maioria) que vêm nas listas eficazes instrumentos para concretizar um encontro identitário e de marcação da diferença na nova terra de “acolhida” que, em tempos de globalização, parece estar no topo do debate. Um sentimento de resgate de negritude e africanidade que faz do Brasil, África.

Cria-se, desse modo, uma nova expressão religiosa. Não mais afro-brasileira, mas afro-braso-diaspórica (ou universal), que revela a construção de uma nova rede de sociabilidade articulada entre gringos (americanos) e minorias (brasileiros, cubanos, nigerianos, haitianos...), religiões afro-brasileiras e religiões afro-derivadas (candomblé, umbanda, lukumi, santeria, palo, vodu, ifá...), centro versus periferia, global versus local, identidade e mídia, tradição e modernidade, novas tecnologias de comunicação e transnacionalismos.

²¹ Outro termo para designar terreiro, templo religioso.

²² Sacerdotisa, chefe-de-terreiro, mãe-de-santo.

Dessa forma, a dinâmica de ecumenismo que se dará entre as religiões afro-derivadas nos Estados Unidos começará a ser elaborada, antes mesmo de o ser no espaço virtual, no próprio espaço dos terreiros. Este, um espaço real.

Referências bibliográficas

DOWNING, John. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora SENAC. 2002.

FREITAS, Ricardo Oliveira de. **Web-terreiros d'além-mar: sobre a ciberinformatização das religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: 2002. 258 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.